



NÃO CONSIGO ENTENDER PORQUE NA MAIORIA DAS MÚSICAS DE FUNK TEM QUE TER BUNDA NO MEIO?! DANÇA E GÊNERO NA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Vinicius Gonçalves Mariano¹
Loreanne dos Santos Silva²
Alinne de Lima Bonetti³

Introdução

Na experiência no estágio supervisionado em Educação Física escolar, junto às séries finais do ensino fundamental de uma escola da rede municipal local, identificamos a discrepância na frequência de meninos e meninas, estas muito mais ausentes das aulas do que aqueles, dado já retratado pela literatura (JACO, 2012). A partir disto, sentimos a necessidade de compreender melhor esta questão por meio do projeto de ação pedagógica da disciplina de Estágio Supervisionado III desenvolvido por um dos autores, ainda em andamento, voltado a este público a partir do conteúdo dança.

O projeto se propôs a introduzir o conteúdo dança com vistas a identificar e problematizar as convenções de gênero que permeiam as práticas corporais na Educação Física escolar. Tais convenções podem ser compreendidas como

conjunto de valores e ideais relativos ao imaginário sexual disponíveis na cultura e compartilhados, a partir dos quais os seres sociais pautam as suas ações e concepções de mundo, reproduzem e recriam estas mesmas convenções e as suas práticas. No mundo ocidental, tais convenções são informadas pela matriz falocêntrica, a centralidade do masculino como parâmetro positivo do qual se origina a assimetria de gênero, e pela “matriz heterossexual compulsória” (BONETTI, 2012, s/p).


Justifica-se a sua importância, pois a prática da EF escolar no ensino fundamental, nas séries finais, com todas as suas contribuições positivas no que tange à visão de mundo da cultura corporal de movimento, dos esportes e desenvolvimento motor, agregando valores sociais e ganhos motores significativos ainda estão voltados somente para o desenvolvimento destas práticas sem a diversificação dos conteúdos.

¹ Graduando, Universidade Federal do Pampa, viniciusmarianno.unipampa@gmail.com

² Mestranda, Universidade Federal do Pampa, lore.anne@bol.com.br

³ Docente, Universidade Federal do Pampa, alinne.bonetti@gmail.com





Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de Educação Física, inserem a Dança no âmbito escolar desde 1971, por meio do bloco de conteúdos “Atividades Rítmicas e Expressivas”. A Educação Física é a disciplina responsável pela educação do movimento e, por conseguinte, a Dança deve integrar os conteúdos desta disciplina na escola.

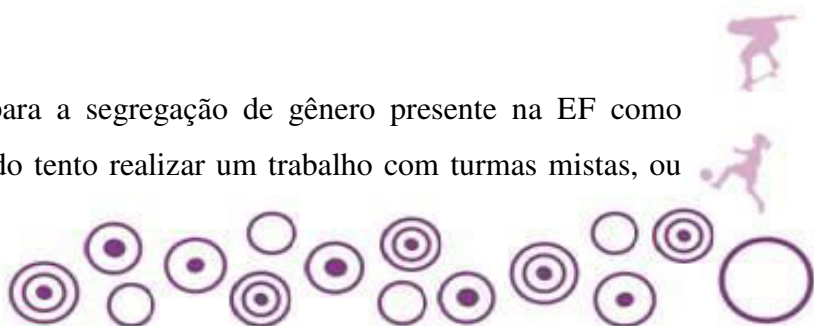
Metodologia


Para a coleta de dados, utilizamos a técnica da observação participante de inspiração etnográfica, com registros sistemáticos em diários de campo (ANGROSINO, 2009) no âmbito do Estágio Supervisionado III do curso de Licenciatura em Educação Física, da Unipampa, campus Uruguaiana ainda em andamento. O universo de participantes que compõe esta pesquisa é formado por 24 jovens mulheres, estudantes da disciplina de educação física dos anos finais do ensino fundamental de uma escola da rede pública municipal de ensino, localizada na periferia leste da cidade de Uruguaiana, fronteira-oeste do Rio Grande do Sul. Para o desenvolvimento desta, adotamos os princípios éticos que regem as pesquisas em ciências humanas e sociais (CNS, 2016). Em vista disto, de modo a garantir a confidencialidade e a proteção do anonimato das participantes, suas identidades foram preservadas.

Selecionou-se o funk, visando problematizar sua história, os conteúdos de suas letras, bem como, tratar de questões de igualdade de gênero e cidadania. Considerando que nas letras de funk existem elementos que contribuem para a construção de masculinidades e de feminilidades e atentando para o modo como as mesmas implicam na produção de identidades culturais e de gênero, a pesquisa exigiu adentrar no cenário histórico e cultural do funk para que fosse realizado o seu desenvolvimento. Seguimos quatro momentos: 1º reservado a conhecer e discutir sobre as vivências práticas das alunas, a evolução do funk, passando pela história e uma breve explanação até chegar ao funk na atualidade; 2º destinado a análise e discussão de trechos das letras das músicas Só Quer Vrau (part. DJ RD) do Mc MM, Solta a Batida da Ludmila, Vai Malandra da Anitta, Mc Zaac ft. Tropkillaz & DJ Yuri Martins e Fuleragem do Mc WM; 3º debate entre as discentes, em que se objetivou dialogar sobre as temáticas de corpo, gênero, feminilidades e masculinidades; e por fim a vivência prática do funk.

Discussão dos resultados

O relato da professora aponta para a segregação de gênero presente na EF como demanda das famílias e discentes: quando tento realizar um trabalho com turmas mistas, ou





seja, quando junto meninos e meninas para realizar as atividades de Educação Física em conjunto, há reclamações e resistência dos alunos em participar. (Diário de campo, doravante DC, abril de 2018). Tais tensões e conflitos não se resumem apenas aos familiares e discentes; antes, eles estão presentes na postura da coordenação pedagógica da escola: a coordenadora pedagógica me ligou para expor a situação e precisei justificar o porquê trabalhei dessa forma. (DC, abril de 2018). Nestas reflexões da professora sobre a segregação de gênero presente nas aulas torna-se evidente a presença de convenções tradicionais de gênero que conformam os nossos modelos de feminilidades e masculinidades hegemônicas e a resistência em transpô-los.

Destacam-se algumas recorrências identificadas nos debates acerca das mesmas, a partir das seguintes questões: Como o corpo da mulher é visto no Funk? Esse corpo é sensualizado ou sexualizado na letra? Como você enxerga o corpo da mulher na coreografia do funk? E por fim, como você percebe o tratamento do homem em relação a mulher no funk?.

Sobre a música *Só quer vrau*, uma das meninas ponderou: eu não sou malandra e nem assanhadinha, não sei o que é exatamente a palavra “vrau” mas, acho que é fazer sexo. Eu não gosto do jeito que o cara trata as mulheres, trata como se fosse alguém que tem que obedecer ele (Fala 10). Em contrapartida, outra menina discordou da sua interpretação, pontuando que: gosto dessa música e acho que a letra não tem nada a ver com coisas de sexo, eu acho que quando fala que ela vai para favela ficar doidinha é porque ela usa drogas mesmo (Fala 8). A música vai Malandra, gerou debates mais acalorados, ouvimos: eu gosto de dançar essas músicas mas, quando paro pra pensar nas letras, eu me sinto humilhada, inferiorizada, eu não sou objeto para ninguém e eu estar dançando na balada, não quer dizer que eu tô me atirando pros guris (Fala 5). A outra colega contra argumenta: por favor, não sei como conseguem gostar dessas músicas, escutem direito, estamos sendo atacadas (Fala 11). Uma terceira, discorda: adoro e não me sinto inferiorizada ou algo assim, parem de achar problema em tudo que é coisa (Fala 9).

Observou-se uma reação de resistência à percepção das mulheres e de seus corpos como objetos a serem apropriados pelos homens, o que nos aponta em direção a uma possibilidade de resignificação das relações assimétricas de gênero, bem como uma de transformação das convenções de gênero.





Considerações finais

Sendo assim, é impreterível um processo pedagógico que envolva corpo e gênero, envolvendo a participação dos/as discentes em discussões acerca de preconceitos relacionados ao gênero e comportamentos estereotipados. Só assim poderemos promover uma educação não sexista” (SOTERO, 2010) e, por consequência, uma sociedade mais igualitária.

Referências

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BONETTI, Alinne de Lima. **Gênero, poder e feminismos**: as arapiracas pernambucanas e os sentidos de gênero da política feminista. *labrys, estudos feministas*, julho /dezembro 2011 - janeiro /junho 2012. Disponível em < <https://www.labrys.net.br/labrys20/brasil/aline.htm>>. Acesso em 29 de maio de 2018.
- CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução 510 de 07 de abril de 2016**, sobre ética na pesquisa em ciências humanas e sociais. Disponível em <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>. Acesso em 28 de maio de 2018.
- JACO, Juliana. **Educação Física Escolar e gênero**: diferentes maneiras de participar das aulas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2012.
- SILVA, Loreanne. **Dança na Escola**: um olhar dos professores de Educação Física no município de Uruguaiana. PUCRS/Uruguaiana, 2009.
- SOTERO, Aparecida. **Questões de gênero e desconstrução de estereótipos**: um plano lúdico para ensino da dança na Educação Física Escolar. São Paulo, 2010.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

